

A ESCOLHA DO PRONOME POSSESSIVO DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Salete VALER (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *This study aims to investigate the variation of third person possessive pronouns (seu/sua - your) and the innovator form (dele/dela) in the process of written acquisition by portuguese speakers. In order to do this, we analyse 120 writings from pupils of different grades of both masculine and feminine sex.*

KEYWORDS: *Variation process; possessive pronoun; seu/dele; anaphoric DP; written acquisition*

0. Introdução:

Este trabalho inserido na teoria Variacionista interface com a teoria Gerativa (aquisição da linguagem e da escrita) tem o propósito de observar a ocorrência do pronome possessivo da terceira pessoa do singular dito padrão (Seu/sua) em variação com a forma inovadora dita estigmatizada (Dele/a) no processo de aquisição da escrita.

Com isso buscamos entender de que maneira a escolarização interfere na escolha das formas acima descritas tendo em vista que a elevada taxa de repetência e/ou evasão escolar, em especial, nas escolas públicas, tem sido objeto de profundos questionamentos por parte dos pesquisadores e educadores.

De acordo Camacho (2001) as pesquisas mais recentes revelam que a evasão escolar tem como causa principal a negligência da escola em detectar coerentemente as diferenças dialetais que o aluno traz consigo ao chegar à sala de aula. A fala da criança é caracterizada pela relação que ela mantém com seu grupo social e, em decorrência disso, sua fala retrata os usos lingüísticos presentes no grupo, do qual ela acionou os parâmetros durante o período de aquisição da linguagem.

O processo de aquisição da escrita difere do processo da aquisição da linguagem, e a criança, ao iniciar a descoberta da escrita, precisa descobrir que há outras maneiras de comunicação além da fala. Faz-se necessário então, que esse processo seja realizado com muita cautela, tendo em vista que, normalmente, a criança não tem consciência de que muitas de suas realizações são tachadas de *erradas* por isso, socialmente, estigmatizadas.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho, apresentamos no item dois, algumas abordagens teóricas relacionados à aquisição da linguagem e da escrita com base nas teorias variacionistas e gerativistas. No item três apresentaremos a metodologia na qual se estruturou a pesquisa do nosso objeto de estudo, o processo de levantamento dos dados e os grupos de fatores levantados. No item quatro faremos a análise dos dados e posteriormente desenvolveremos as considerações finais.

1. Referencial Teórico:

Desenvolveremos a seguir de forma, bem geral, as abordagens teóricas variacionistas e gerativista relacionadas às questões que envolvem a variação da língua, aquisição da linguagem e da escrita.

1.1. Princípios Gerativistas:

A teoria gerativa elaborada por Chomsky a partir da década de sessenta do século XX baseou-se no racionalismo. Esse lingüista afirma que os seres humanos nascem com uma capacidade natural para o desenvolvimento e uso da linguagem (tese inatista) por isso, são dotados de uma Gramática Universal

internalizada de cujas regras todo falante tem conhecimento (competência lingüística) e é capaz de fazer uso em uma situação real de comunicação (desempenho lingüístico). Segundo Chomsky, o sistema de regras que governam a estrutura da língua é o principal objeto da lingüística e é por meio desse objeto que se pode explicar a capacidade que os falantes têm, a partir de um número finito de estruturas, de gerar um número infinito de sentenças que são, por sua vez, finitas em si (gramática transformacional).

Deste modo, o conhecimento da língua foi demonstrado pela teoria gerativista por meio de formalizações que reforçam o caráter científico e explicativo do modelo que se fundamenta no inatismo. A gramática transformacional se propõe a demonstrar as estruturas sintáticas da língua através de regras sintagmáticas e de transformação; as primeiras geram estruturas abstratas, enquanto as últimas convertem essas seqüências abstratas nas sentenças da língua que possuem componente sintático (central) e semântico e fonológico (interpretativos).

Sendo assim, para os gerativistas a linguagem é intrínseca à espécie humana, ou seja, a linguagem é inata. Por essa razão, estabelece-se uma relação fundamental entre linguagem e pensamento, logo, o aspecto central da análise gerativista é o percurso psíquico da linguagem, por isso, o falante possui uma gramática interna pela qual processa a língua, trata-se de um modelo psicológico da atividade. De acordo com essa teoria, pode-se analisar uma língua sob dois aspectos: pela competência (capacidade de produzir e compreender todas as sentenças da língua) e pelo desempenho (Performance de falantes específicos em usos concretos).

Com a visão inatista da linguagem surge o conceito de *modularidade* em que a faculdade da linguagem é um módulo específico para esta aquisição e, portanto não afeta e nem é afetada por outros processos de aquisições, tais como a inteligência, léxico etc. Assim, a concepção do sujeito da linguagem está inserida na gramática universal (GU), a qual é formada por princípios (são as leis gerais que caracterizam a uniformidade presente em todas as línguas e que todo ser humano, fisicamente apto, pode assimilá-los) e por parâmetros (são as particularidades inerentes a cada língua).

De acordo com Mioto et al (2004), a *aquisição da linguagem* é, portanto, o processo natural de que todo ser humano possui de, a partir de um determinado período, que não se sabe exatamente quando se inicia, depreender a estrutura da fala, em decorrência de motivações externas. As motivações externas são as realizações paramétricas de uma língua, isto é, a criança seleciona os parâmetros que são relativos à língua com a qual ela está em contato, e ignora os valores que não são dessa língua. Ou seja, pode-se dizer que bebê sai da gramática universal e vai se direcionando, através da experiência, para a gramática particular. São esses parâmetros selecionados que formam a estrutura de uma determinada língua por isso, quando a criança fecha todos os parâmetros está formada a estrutura da sua língua materna, e essa estrutura se manterá para sempre.

Assim, é durante o período da aquisição da linguagem que a criança seleciona os parâmetros que caracterizam as falas de determinadas comunidades, nas quais podem estar presentes algumas variações ditas estigmatizadas pela sociedade.

1.2. Teoria Variacionista:

A teoria variacionista conceitua *variação* “duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa num mesmo contexto”. Ex. /R/ = (x), (h). Por *variável*, quando uma ou mais forma concreta, ou sua ausência, não altera lingüisticamente o significado para o interlocutor. As variações podem ser segundo Camacho (2001), “fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexical”, assim, cabe ao lingüista observar o comportamento dessas variáveis em relação à estrutura social e então depreender as causas da variação da língua que podem ser sinal de mudança ou não.

Esse autor destaca ainda que, em qualquer comum idade lingüística, existem variedades ou variações devido ao emprego de diferentes modos de falar. Esse conjunto de variedades lingüísticas é chamado de *repertório verbal*. Dessa forma, toda língua falada por qualquer comunidade, possui variações caracterizando, dessa forma, um sistema heterogêneo.

Sendo, a língua um sistema heterogêneo, mutável, depreende-se que alguns ou muitos de seus elementos internos estão em constante processo de mudança e essa mudança poderá concretizar-se, ocorrendo, uma variação, em que uma variante substitui a outra em um processo diacrônico. Mas, em alguns casos, essa variação pode não ocorrer de fato, assim, temos duas ou mais formas de realização de fala, concorrendo entre si por tempo indeterminado.

Estudos atuais na área da variação lingüística e da aquisição da linguagem apontam para o fato de que algumas variantes inovadoras são mais estigmatizadas na fala, enquanto outras o são na escrita. Dessa forma, Magalhães (2001) e Kato (1999) indicam que a escola tem condições de solucionar o problema das variações lingüísticas consideradas estigmatizadas que a criança traz consigo (em sua gramática internalizada) ao chegar à escola.

O processo de aquisição da escrita, desenvolvido na escolarização, deve garantir as todas as crianças que ingressam nas salas de aula, condições iguais de acesso à leitura e a escrita, de acordo com as normas nacionais de padrão desejado.

2. Metodologia:

Nosso objeto de estudo é a função de possessivo de terceira pessoa do singular cuja forma dita padrão é a variável *seu*, que está concorrendo com a variante, forma inovadora *dele*. Nossa busca inicial direcionou-se para a aquisição de um *corpus* que poderia demonstrar como esse pronome possessivo se manifestando no momento atual. O próximo passo foi determinar em que situação de uso gostaríamos de observar essa ocorrência, se na fala ou na escrita. Optamos então em observar essa realização no uso da escrita no processo de escolarização de uma escola pública.

2.1 O Corpus Analisado:

Para a realização desta pesquisa, foi escolhido previamente pelo grupo, um tema em que abordasse o objeto de estudo. Desenvolvemos um roteiro em que o tema central deveria ser o referente masculino “João Paulo II”, isso por ocasião da morte do mesmo. Para tal, os informantes desenvolveram as redações em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, em uma escola pública na cidade de Florianópolis no Estado de Santa Catarina. Assim, foram analisadas 120 redações de informantes do sexo masculino e feminino de diferentes séries, conforme demonstrado na tabela (1) abaixo:

Tabela 1: Distribuição dos informantes por série e sexo

<i>Sexo</i>	<i>5ª.</i>	<i>6ª.</i>	<i>7ª.</i>	<i>8ª.</i>	<i>Total %</i>
Masculino	26	10	06	08	50/41
Feminino	26	13	15	16	70/58
Total	52	23	21	24	Total 120

Após a codificação do *corpus*, os dados foram submetidos à tratamento estatísticos, através da utilização do programa Goldvarb 2001 (Robinson; Lawrence & Tagliamonte (2001)). Os cálculos realizados pelo programa indicaram as freqüência, porcentagem e peso relativo associadas aos fatores.

2.2 Fatores Condicionantes:

Nossa busca inicialmente foi a de observar a seleção da forma *seu* e *dele*, mas optamos, no decorrer do trabalho, por inserir, nos dados levantados, a forma usual *DP anafórico*, pelo fato de essa forma ser recorrente na função em observação.

Grupo de variáveis:

- (1) Variável em mudança: Seu

Ex: “Foi exemplo de força, a doença não fez ele desistir de seu papado”.

- (2) Variável inovadora: Dele

Ex: “Mas o nome dele era Karol W”.

- (3) Variável inovadora: DP anafórico.
Ex: “O nome de Karol veio pelo decorrer da morte”.

b) Grupo de fatores internos ou variáveis lingüísticas no nível sintático:

- (c) Posição sintática de determinante;
Ex: “A sua doença não fez ele desistir de seu papado”.
- (b) Posição sintática de adjunto adnominal;
Ex: “João Paulo I era amigo de Krol”.
- (a) Posição sintática de complemento nominal.
Ex: “que era o verdadeiro nome do João Paulo II”.

c) Grupo de fatores internos ou variáveis lingüísticas no nível semântico:

- (x) Possuídos abstratos (ex: religião, objetivo, doença, vida...).
Ex: “teve de carregar sua cruz até a morte”.
- (y) Relações interpessoais (ex: pai, mãe, irmão, amigo, fiéis...).
Ex: “O nome João Paulo II foi colocado para homenagear seu amigo...”.
- (w) Locativos (ex: cidade natal, palácio).
Ex: “A sua residencia oficial...”.
- (z) Nome (ex: o nome do papa)
Ex: “O seu nome verdadeiro era Karol”.

d) Grupo de fatores externos ou variáveis extralingüísticas sexo:

- (+) Sexo feminino
Ex: “Na verdade o nome dele é Karol W.”
- (-) Sexo Masculino.
Ex: “Foi eleito Jesepe Ratzinger seu sucessor”.

e) Grupo de fatores externos ou variáveis extralingüísticas série:

- (4) Quinta série;
- (5) Sexta série;
- (6) Sétima série;
- (7) Oitava série.

2.3 Questões e Hipóteses:

Nosso objetivo é observar de que maneira o pronome possessivo da terceira pessoa do singular dito padrão (Seu/a) em variação com a forma inovadora dita estigmatizada (Dele/a) vai sendo adquirido durante o processo de aquisição da escrita no decorrer da escolarização.

Nossa hipótese para essa questão é a de que o uso da forma dita padrão *seu* é motivada pela escola, no processo de aquisição da escrita contrapondo com a forma inovadora *dele*. Forma essa presente na gramática internalizada da criança adquirida durante o processo de aquisição da linguagem em decorrência dos parâmetros acionados pelo input, ou seja, a língua com a qual a mesma convive durante seus primeiros anos de idade.

3. Análise dos Dados:

Apresentamos abaixo os dados de forma quantitativa e qualitativa, mas não nos deteremos em analisar, neste trabalho, as realizações do pronome possessivo de terceira pessoa relacionadas ao grupo de fator lingüístico dos traços semânticos dos possuídos nem em relação à função sintática desse pronome.

A tabela (2) apresenta a distribuição das ocorrências do pronome possessivo em relação à variável extralingüística “série”.

Tabela 2: Distribuição do uso do “Seu”, “Dele” e “DP” por série em peso relativo (PR)

SÉRIE	SEU		DELE		DP	
	PR		PR		PR	
5ª.	0.38		0.57		0.64	
6ª.	0.47		0.58		0.50	
7ª.	0.46		0.69		0.26	
8ª.	0.65		0.25		0.51	

Com base nos dados acima, podemos observar que o pronome possessivo na forma *seu* teve um acréscimo significativo no decorrer do processo de aquisição da escrita. Temos na 5ª. Série um PR de (0.38) enquanto que na 8ª. Série esse valor sobe para (0.65). A forma *dele* teve na 5ª. Série um valor de (0.57) e uma visível redução para (0.25) na 8ª. Série. A forma *DP anafórico* teve um valor de (0.64) na 5ª. Série e também uma pequena redução para (0.51) na 8ª. Série.

A tabela (3) apresenta a distribuição da ocorrência do pronome possessivo em relação a variável extralingüística “sexo” e “série” em que as duas variáveis rodaram juntas.

Tabela 4: Distribuição do uso do “Seu”, “Dele” e “DP” por sexo e série em percentual

SÉRIE	SEU		DELE		DP	
	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
5a.	90%	62 %	6 %	18 %	4 %	20 %
6a.	84%	76 %	16 %	12 %	0 %	12 %
7a.	86%	73 %	11%	24 %	4 %	3 %
8a.	90%	84 %	3 %	6 %	8 %	10 %

Observamos na tabela (3) que o pronome possessivo de terceira pessoa do singular realizou-se na forma *seu*, com maior proporção pelo gênero/sexo masculino desde a 5ª (90%) até a 8ª série (90%). A forma inovadora *dele* e a usual *DP anafórico* é selecionada pelo gênero/sexo feminino num percentual bem marcado em relação ao o gênero/sexo masculino na 5ª. Série, mas no decorrer do processo de escolarização essa diferença em percentual vai diminuindo em relação ao sexo oposto, mesmo que na 8ª. Série essa diferença ainda se mantenha mínima.

4. Considerações finais:

A análise dos dados revela que a escolaridade, através dos instrumentos utilizados pela mesma, interfere na escolha do pronome possessivo, tendo em vista que, enquanto na 5ª série o Peso Relativo (PR) do *seu* foi de 0.38, na 8ª série o mesmo passou para 0.65 incluindo os dois gêneros/sexo dos alunos.

A escolha da forma *seu* (5ª. Série) com um percentual maior para o gênero/sexo masculino (90%) do que para o gênero/ sexo feminino (62%) revela que este gênero está usando mais a forma inovadora *dele* ou a forma usual *DP anafórico*. Essa ocorrência pode justificar-se segundo Mollica (2003:29) pelo fato de que a forma *seu* acha-se em extinção na fala do PB, no entanto é *standart* de tradição literária e altamente prestigiada. Isso, porque, em relação ao uso, os falantes classificados como mais conscientes e de renda mais alta apresentam maior número de empregos da forma prestigiada. Assim, para a mesma autora, contrariamente, as variáveis mídia e mercado ocupacional não exercem influência sobre o uso da forma *seu*.

Além disso, também, por razões funcionais, “a forma *dele* (desambiguadora) vem se sobrepondo amplamente à forma *seu* entre os falantes de maior nível social e cultural e está sendo inclusive

veiculada na mídia, ainda que contrarie os ditames do padrão culto”. Conclui-se dessa forma, que, nesse caso, a forma inovadora *dele* e a usual *DP* não são consideradas estigmatizadas, o que contribui para a idéia de que o gênero feminino, segundo essa mesma autora, seria indicado como responsável pela inovação de uma nova forma, caso essa mesma forma não seja estigmatizada .

Os dados demonstram que na 8ª série, no decorrer do processo de aquisição da escrita, as meninas apresentam um percentual de uso da forma *seu* de 84%, aumentando a escolha dessa forma tendo em vista que na 5ª. Série o percentual de uso era de 62%. Em relação aos meninos, na 8ª. Série mantém o mesmo percentual que na 5ª. Série que era de 90% .

Dessa forma, essa análise dos dados relacionados à escolha do pronome *seu* revela uma tendência para que o sexo feminino seja mais sensível à escolarização, o que confirma o exposto por Paiva (2003:39), que há indicações de que o processo de escolarização atua de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens. Isso porque, de acordo com a mesma autora, “a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, ou seja, mais predisposta à incorporação de modelos lingüísticos” .

RESUMO: Este estudo objetiva investigar a variação do pronome possessivo de terceira pessoa (*seu/sua*) com a forma inovadora (*dele/dela*) no processo de aquisição da escrita por falantes de português. Para tanto, analisamos 120 redações de alunos de diferentes séries, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de variação; pronomes possessivos; *seu/dele*; DP anafórico; aquisição da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMACHO, R. G. Sociolingüística parte II. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. Volume I. São Paulo: Cortez, 2001.
- KATO, M. A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: CABRAL, L. & MORAIS, J. (org). *Investigando a linguagem*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- MAGALHÃES, T.M.V. (2000) *Aprendendo o sujeito na escola*. Dissertação de mestrado (Pós-graduação em Lingüística). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). In: *Sintaxes*, vol 6: 2001.
- MENON, O. P. da S. *Variação e mudança: o papel dos condicionatos lingüísticos*. Fragmenta, Curitiba, n. 13, P. 89-113. Editora da UFPR, 1996
- MENON, O. P. da S. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba, n. 44, p. 91-106. Editora da UFPR, 1995.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004. 280p.
- MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA M. C. & BRAGA M. L. (orgs). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. Ed. Contexto: São Paulo, 2003.
- PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA M. C. & BRAGA M.L. (orgs). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. Ed. Contexto: São Paulo, 2003.
- ROBINSON, J. S; LAWRENCE, H.R. & TAGLIAMONTE, S.A. (2001) Goldvarb 2001.
- SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. MUSSALIN. F & BENTES A.C. (orgs) volume II. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2004.
- SILVA, G. M. de O. Um caso de definitude. *Organon* , 18 (5) - A variação no português do Brasil. Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Letras: P. 90-108 (1991).
- TARALLO, F A *pesquisa Sociolingüística*. Editora Ática, São Paulo, 2001.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA M. C. & BRAGA M.L. (orgs). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. Ed. Contexto: São Paulo, 2003.

